

AMIGOS  
Bragança



HABINORDESTE  
SOCIEDADE DE CONSTRUÇÕES, LDA.

Especialistas em construção

www.habinordeste.com

XLIX Ano 10.ª Edição Novembro de 2004 Preço N.º 7 Rua Almirante Reis 33 2.º E 5 300 - 077 Bragança

# BRAGANÇA Comemorou 540 anos de cidade



Na vida há grandes saltos que se dão porque está alguém ao lado para apoiar.

## Entre mouras encantadas e histórias de Romeu e Julieta



Henrique  
Ferreira

**P**ediram-me para escrever sobre os 540 anos da cidade de Bragança mas eu penso que escrever sobre 540 anos de Bragança é "atraíçoar" não só a história de Bragança como a sua memória.

Os estudos recentes sobre as escavações, também recentes, no âmbito de diversas obras levadas a efeito nos últimos seis anos, demonstrariam que o povoado de Bragança remontaria, no mínimo, ao Século I d.c. Mas nem seriam necessários tais estudos e tais escavações para se dever levantar a hipótese de que tal povoado é anterior à cultura e civilização romanas. Com efeito, as lápides, as estelas e os utensílios recolhidos por Francisco Manuel Alves, o Abade que só soube amar as suas gentes, dizem-nos que Bragança é muito anterior e que está envolta no imaginário mais puro e mais apolíneo presente na natureza: o da força do sol, da água, do mito, do amor e o dos conflitos entre Ormuzd e Arhimán, entre Isis e Ozíris, entre Dioniso e Apolo, entre Hércules e Minerva e entre Eros e Thanatos.

A «história portuguesa» de Bragança remonta, obviamente, aos finais do Século XII. É a ela que nos referimos quando falamos dos 817 anos do primeiro foral ou dos 540 anos de cidade, reconhecimento que faz de Bragança uma das primeiras doze cidades do país.

Mas, se a «história portuguesa» de Bragança é muito importante para compreendermos a evolução que a cidade teve, desde então, desde 1176, ano do início da construção do Castelo de Bragança, é muito mais importante o estudo das dinâmicas económicas, sociais, políticas e culturais que permitiram que Bragança fosse o que foi, até 1838, ano da instauração do Distrito, e até 1844, ano da instaura-

ção do Concelho.

Até então, Bragança foi, primeiro, entre 1176 e 1552, abençoada por Deus, numa conciliação entre o Sagrado e o Profano que só a Santa Madre Igreja poderia reconhecer. Mas esta terra «Benquerença», de pessoas benquerentes, não mereceria que o demónio da Inquisição, instrumento de construção, em Portugal, do Poder Real e Central, se instalasse aqui, através dos Jesuítas, em 1552.

Decerto, os Jesuítas foram muito importantes na construção do imaginário cultural e na expansão do Centro de Bragança, desde o Largo do Principal até à Praça da Sé. Mas lá está o pelourinho, quer o do Castelo quer o da Praça da Sé a dizer que a construção social e cultural deixaria de ser a de homens livres para passar a ser a dos homens agindo segundo os Autos de Fé e os da fé.

Devem ter sido tempos tristes estes em que a liberdade de criação e de organização foi substituída pelo seguidismo (formal, oficial mas nem sempre real) em relação à Igreja Inquisitorial, aliada principal do Poder Real Central, Autoritário e Censório.

Graças a isso, os portugueses bragançanos fecharam-se. Desenvolveram costumes e formas de pensar dos quais ainda não se libertaram: aprenderam a ser livres interiormente, aceitando o agrilhoamento exterior e aprenderam a ter duas faces: a das relações informais e clandestinas e a das relações formais e oficiais. Viram, desde então, a participação como exposição que é necessário evitar. Demonstrar os benefícios dela é agora dever de todos nós.

Nem tudo foi mau nos Jesuítas. O esplendor académico do seu saber foi muito útil para o início do funcionamento do Liceu, em 1853, e para o da Escola Comercial e Industrial, em 1887, embora de uma forma permanente apenas em 1919.

Os tempos modernos trouxeram tardiamente (só a partir de 1970) as oportunidades do conhecimento para todos, tendo o ensino superior chegado apenas em 1986. Estes 35 anos

são pois tão curtos quanto a saída da cidade do seu centro histórico da Praça da Sé.

Para trás, fica, portanto, uma história de gente corajosa que lutou e resistiu. A inquisição foi contestada com a industrialização no Século XVIII. E, no Século XIX, quando a indústria soçobrou, de novo a criatividade dos bragançanos os conduziu à construção de relações sociais agrárias, fontes do pão e do loutor ao profano, como forma de chegar ao sagrado.

No imaginário dos bragançanos, como forma de perpetuar a vida, o amor e a resistência, sempre estiveram presentes as lendas das mouras encantadas, em tomo da grande mãe que é a água e as suas fontes (mais importantes na história dos povos do que qualquer outro elemento) e tão bem retratadas, mais uma vez, por Francisco Manuel Alves, como forma de louvar o sol, a vida e de plasmar na poesia e na cultura as formas de viver. E até a lenda da Torre da Princesa parece ser uma importação dessas outras lendas perdidas no tempo da cultura e da civilização.

Quis o destino que esta homenagem ao amor fosse repetida por D. Pedro e D<sup>a</sup> Inês de Castro nas escadas da Igreja de S. Vicente. Por eles, vive em nós a força do amor de Romeu e de Julieta, o esplendor do Cupido criador do universo.

Chegados aqui, é bem fácil perceber que a celebração dos 540 anos da cidade de Bragança só pode ser benquista se interpretada à luz das lutas pela afirmação do Poder Local face ao Poder Central, o que deve começar por exorcizar o contexto em que a cidade foi criada, justamente o da afirmação do Poder Autoritário Central, por oposição às dinâmicas da história destas gentes «benquerentes». Neste contexto, a comemoração dos 817 anos do burgo é muito mais compatível com a afirmação do Poder Local. Mas o muito de bom que, a propósito destes 540 anos, se fez, recoloca certamente as comemorações na perspectiva dos actores locais.

# Editorial

## AMIGOS de Bragança

Revista Mensal de Informação  
e Estudos Regionalistas

### Fundadores

Francisco Felgueiras  
Eduardo Carvalho

### Proprietário

Fernando N. R. Calado

### Director

Fernando Calado

### Directora-Adjunta

Maria Rita Pires

### Jornalista

Inocência Pereira  
Carteira Prof. nº 4640

### Grafismo

Amigos de Bragança

### Publicidade:

Rua Almirante Reis, nº 33 - 2º Esq

Telefone e Fax: 273 323454

### Telefones:

968327087

964883459

E-mail: amigos@sapo.pt

5300-077 Bragança

### Publicação Mensal

Registo N.º 124504  
Empresa Jornalística N.º 219207  
Depósito Legal N.º 5969/84  
Impressão: Diário do Minho  
Tiragem: 2000 exemplares

### Redacção e Administração:

Rua Almirante Reis, nº 33 - 2º Esq  
Telefone e Fax: 273 323454  
Tlm 96 8327087  
E-mail: amigos@sapo.pt

5300-077 Bragança

## Um olhar sobre a História

Não podia a Revista Amigos de Bragança, que faz em Março de 2005, 50 anos de existência, deixar passar em claro as comemorações dos 540 anos da cidade.

Ao longo de meio século, sempre os “Amigos de Bragança” viveram pela positiva e com entusiasmo, as memórias, o sentir da terra bragançana, o pulsar das suas gentes, as transformações que resultam do devir histórico.

Por isso, olhamos emocionados esta Bragança que resiste ao tempo e à desertificação e que em cada época se tem reconstruído, surgindo sempre uma nova Bragança que reflecte o querer, a vontade, o desmazelo ou a determinação dos homens, bem como as conjunturas históricas, sociais e políticas de cada época.

Recordo aqui o relato de José Monteiro no relançamento do livro “800 anos de Bragança” que nos falou duma Bragança que no século XVIII vivia o esplendor e ostentação duma indústria próspera ligada à tecelagem e à manufactura da seda e duma Bragança decadente nos inícios do século XX, com galinhas, porcos e vacas passeando-se tranquilamente no centro da cidade e coabitando a casa com os moradores urbanos.

A descontinuidade histórica não nos permite falar de Bragança, mas de várias “Braganças”, com a sua História, mitos, lendas, santos, demónios, abastança, miséria, feitos e omissões.

Assim, não podíamos deixar de referenciar uma das obras mais importantes editada nestas comemorações: “Bragança - Um olhar sobre a História”, da autoria de António Lima, Jorge Menéndez e outros autores.

Este livro é o resultado da investigação e do trabalho de campo arqueológico realizado na Zona Histórica de Bragança, aquando das obras levadas a efeito nesta zona da cidade.

Trata-se de um trabalho sério, documentado, com a metodologia adequada de quem sabe descortinar os segredos enterrados pelo tempo.

Então, de novo os romanos, no século I d.C., se passeiam austeros e poderosos pela actual Rua Abílio Beça, pela Praça Camões, pelo coração da cidade. Assim o dizem, objectivamente, os achados arqueológicos recolhidos e classificados e que podemos ver fotografados no livro, ou no espaço “Memórias da Cidade” criado no novo Centro Cultural de Bragança.

Com este livro e este trabalho arqueológico, Bragança revê-se nas suas memórias, na dialéctica da construção/destruição e oferece-nos um novo tempo que estava limitado à proximidade do século XII.

“Um olhar sobre a História”, é uma montra das “Braganças” condenadas ao esquecimento e esfumadas pela penumbra da História.

O inventário está feito e amorosamente e com saudade, encontramos com a Bragança da época romana, nas cerâmicas, “cacos” que falam uma linguagem, moedas que viajaram nos bolsos do povo, soldados e generais, pontas de lanças que fizeram a paz e a guerra, fibulas, agulhas, anéis, botões...

Encontramo-nos com a Bragança dos Jesuítas, das Igrejas, da peste, das guerras em plena idade Média, encontramo-nos com a época Moderna e de novo surgem outras cerâmicas, faianças, moedas e azulejos que relatam o sentir e o gosto duma época.

Finalmente Bragança do século XVIII, XIX, XX que quase passou ao lado da Revolução Industrial.

De novo estamos em casa, no século XXI, vivendo a nossa Bragança que procura ultrapassar os paradoxos, reviver a sua História, lutar contra o isolamento e o abandono por parte do Poder Central, erguer-se austeramente e nobre, reafirmando a sua identidade para que os vindouros possam, ainda, orgulhar-se de nós.